

TIAGO FRÓIS (1978) desenvolve a sua actividade entre a Fotografia e as Artes Plásticas. É licenciado em Artes Plásticas e Escultura pela FBAUL, foi assistente do fotógrafo José Manuel Rodrigues e frequentou várias oficinas de fotografia. Colabora em diversas montagens de exposições e em trabalhos de cenografia desde 1998, realizando exposições individuais e colectivas desde 1996. É actualmente Presidente da Direcção da Associação Oficinas do Convento onde desempenha funções de Programação, Direcção Artística e Gestão Cultural.

RESUMO DA COMUNICAÇÃO

1 - O papel da Oficinas do Convento em termos de promoção da preservação e do desenvolvimento do património cultural fazendo a ponte com a contemporaneidade;

Finalidades da associação, resgate de técnicas e tecnologias para a contemporaneidade (cerâmica, arquitectura), apoio ao desenvolvimento de projectos dentro de diversas disciplinas proporcionando espaço para a criação artística, cruzamento de currículos (formações e contacto entre "mestres" e "iniciados"), espaço de experimentação e possibilidade executiva.

2 - Apresentação de alguns ou de um projecto concreto que siga este propósito último;

Festival Ananil e Cidade PreOcupada (cruzamento de disciplinas num território como forma de divulgação das mesmas mas com a preocupação de provar a possibilidade de resgate de Lugares/Equipamentos de valor patrimonial)

Recuperação do Telheiro da encosta do castelo, residências artísticas na área da escultura cerâmica, experimentação, criação de novos produtos para novas necessidades de equipamento associado à produção de tijolo tradicional da qual dependem todas as acções aí desenvolvidas, condicionadas pelos métodos e técnicas desta cadeia de produção.

Centro de Artes e Ofícios, resgate de tecnologias da "Terra", Olaria, Cestaria e Panaria através de planos de formação para transmissão de saberes dos Mestres para novos aprendizes contribuindo para uma maior sustentabilidade das populações.

Todos têm como pano de fundo a construção de padrões equilibrados de qualidade de vida.

3 - Parcerias públicas ou privadas estabelecidas que se destaquem pela sua operacionalidade e benefício mútuo;

Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, a relação como entidade parceira e financiadora (política de apoio a entidades independentes na programação da Cidade, factor que tem proporcionado a "nova migração" dos grandes centros para a província por parte de criadores e agentes culturais, esta reunião também proporciona a criação de novas propostas que nascem no Lugar)

DGArtes MC, 1º com os apoios pontuais e agora, desde 2009 com o financiamento bianual correspondendo a cerca de 17% da nossa actividade, não candidatando acções que não tenham uma relação directa com a criação artística.

Os benefícios centram-se particularmente nas pessoas e no Lugar proporcionando simbiose entre criadores e população, nas abordagens/temas/referendos e na projecção desses trabalhos a nível nacional e internacional.

Reabilitação de espaços e propostas para a Cidade, participando activamente e abrindo discussão sobre temas relacionados com património, identidade, memória, etc.

No plano turístico será ainda de referir a existência de uma procura crescente de um turismo cultural associado à criação artística resultando na mobilidade de criadores e público.

4 - Oportunidades e dificuldades a curto e médio prazo.

Possibilidade de criar um sistema de auto financiamento através da exploração comercial de materiais de construção "feitos por media" dentro da tecnologia disponível no Telheiro, associado à recuperação, reconstrução e criação de novos elementos com o mesmo perfil do material tradicional.

Maior oportunidade de contacto com entidades a nível global pelo recente estatuto de Centro UNESCO, aqui residem dúvidas e esperanças no que toca a novas fontes de financiamento e novos mecenas.

Criação de produtos ligados ao design de equipamento e à cerâmica tradicional como forma de financiamento da própria actividade.

Falta de financiamentos e programas de apoio, com tendência para a extinção pelas políticas associadas às "indústrias criativas", só tem afastado ainda mais a cultura da

educação, aproximando a cultura ao entretenimento (sustentável pelo senso comum/mainstream) e afastando-se muitas vezes de propósitos associados à arte, como o papel pedagógico da arte e dos processos artísticos.

Com cortes pelo MC e pela CM é muito difícil cumprir um plano para o qual a estrutura implicada necessária absorve quase a totalidade de financiamento conseguido para o plano: cortes nas acções não justificam a estrutura, cortes na estrutura não permitem a realização das acções.

A quase inexistência de mecenas também é revelada na importância que representam para as entidades, quase sem expressão.

A crescente necessidade dos organismos independentes se associarem para questões programáticas e rentabilização de recursos, resultando numa maior mobilidade de criadores e agentes, será seguramente uma via para uma "cultura mais sustentável" e coesa. O motor deverá ser o benefício das comunidades, locais e artísticas, sendo o "fazer mais com menos" uma consequência e não um princípio, tão apregoado pela classe política.